

Em qualquer circunstância, capacita-te de que Deus é amor para todas as criaturas e que, no esquema da Justiça, basta mantenhamos a disposição de ajudar ao próximo para que nos tornemos suportes da Divina Providência, em favor dos nossos irmãos de experiência e caminho, de vez que sem a coragem de servir e sem esforço de compreender, a nossa compaixão pelos outros, em qualquer caso, não passará de mais um problema sobre os problemas que pretendamos solucionar.

EMMANUEL

AULA DA VIDA

A casa repousava, além de zero hora,
Quando o juiz no leito ouviu certo rumor ao fundo.
Quem seria? pensou, ansioso e expectante ...
Talvez um assaltante ...
Quem, no entanto, ousaria penetrar-lhe a mansão,
construída no alto,
Com dois guardas, na ronda, de vigia?

A princípio, o ruído parecia
Um barulho tão leve, tão de manso,
Que mais se assemelhava ao vento
na folhagem,
Quando o palácio, à noite, era paz e
descanso.

Mas o brando alarido
aumentava de porte,
Justamente na alcova sempre
reservada
Em que ele, o juiz, mantinha um
cofre forte.

Armou-se à pressa e afastou-se
da cama,
Pés descalços, andou no carpete,
em pijamas;
E pela porta além, levemente
entreaberta,
Lobrigou a figura baixa e estranha

De um mascarado que se recobria
Numa capa sombria,
A furtar-lhe, no cofre escancarado,
Todo o dinheiro ali depositado.
Manejando lanterna diminuta,
O invasor ocupado nada escuta.
Mas o juiz entrando em fúria cega
Ergue o revólver, firme. Aponta e
descarrega
Toda a carga de balas no infeliz
Que tomba morto agora em pleno
escuro.
Indeciso e nervoso, o magistrado
Aerguer-se em defensor do próprio
domicílio,
Liga a luz, sob a dor do gesto
cometido,
E fita o mascarado
A encharcar-se de sangue ...
Chama os guardas amigos, de
plantão,
Ativa o telefone e pede policiais
Que lhe arranquem do lar o
assaltante caído,
Depois de se lavarem
Depoimentos, notas, testemunhos
Para os efeitos justos e legais.

Efetuadas todas as medidas,
 Um servente de mãos embrutecidas
 Inspeciona o cadáver e, ao movê-lo,
 Despe-lhe a capa enorme
 E retirando a máscara de pano,
 Vem ao juiz e informa, desumano:
 - É um menino, Excelência ... Um
 ladrão nato
 Devia ter no jeito a esperteza de um
 rato.
 Na angústia enorme do seu próprio
 drama,
 O magistrado exclama:
 - Horríveis tempos! Dias
 infelizes!...
 Época de ladrões e meretrizes! ...
 Já não mais temos lar em segurança
 Que possa resguardar uma simples
 criança ...
 Onde iremos, meu Deus? Meninos
 salteadores,
 Crimes, violência, guerra e uma
 série de horrores! ...

Nisso, quatro serventes se
 aproximam,
 Carregam com cuidado o corpo
 inerte e triste,

Mas o Juiz, ao vê-lo, não resiste;
 Detém todo o cortejo em súbita
 parada,
 Cai sobre o morto em pranto
 convulsivo,
 Beija-lhe a face inerme e
 ensanguentada,
 Como se o jovem morto inda
 estivesse vivo
 E bradou, em supremo
 desconforto:
 - O que fiz, Grande Deus, para
 sofrer em minha própria casa,
 Esta dor que me arrasa?
 Matei para viver e estou aniquilado
 e morto;
 Matei, mas nem de longe imaginava
 Que abatia sem pena
 O filho que adorava ...
 Deus, Grande Pai, dá-me de
 qualquer forma,
 A expiação que me condena ...
 Lançava o sangue ao chão amplo e
 rubro rastilho
 E o pobre prosseguia, em
 convulsões de dor:
 - Dá-me forças, meu Deus! ...
 Perdoa-me, Senhor! ...
 O pequeno assaltante era o seu
 próprio filho.

MARIA DOLORES